

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALOES.



Ainda tenho de fallar-vos dos ultimos dias do brilhante mez de Agosto, não obstante estar escrevendo esta chronica no primeiro dia de Setembro, cuja apresentação vem com as mais bellas esperanças para o mundo elegante que deve affluir hoje aos salões do Sr. Ministro do Imperio por occasião do anniversario natalicio de uma de suas queridas irmãs.

Na verdade o mez de Agosto bem merece os nossos agradecidos comprimentos e os adeuses saudosos dos que tiveram a fortuna de lhe poder apreciar os encadeados divertimentos, os doces prazeres que engrinaldaráo seus dias alegres e animados. Ainda nos seus ultimos instantes de existencia elle distribuia desvelado pelos nossos salões as graças, as bellezas, a elegancia, o movimento da sociedade fluminense, ao clarão de milhares de velas que illuminavão-lhe suas noites tepidas e embalsamadas. Ainda no sabbado passado erão os salões da Sociedade e dos Militares os que disputavão a consistoria do maior brilhantismo e concorrência. No Domingo o theatro de S. Pedro, com a estreia do novo actor, desempenhando o papel de Pedro na *Ignês de Castro*. Na segunda feira, o predilecto Ferranti, atupetando o theatro lyrico com os seus numerosos convidados e affeiçãoos. Na terça feira, o concerto em beneficio do Sr. Malavasi, obsequiado por luzida reunião, que se retirou satisfeita,

não só da magnifica execução que teve o bello programma que lhe foi offerecido, mas ainda das delicadas maneiras do beneficiado e sua espi-rituosa esposa. Na quarta feira, dous casamentos, um esplendido oitavario de noivado; e os annos de uma mimosa e feiçiceira menina, das verdadeiras perolas do Brasil, que a agradável casa de seu estimavel Pai, um dos nossos respeitaveis magistrados, attrahiu escollida sociedade que entre os prazeres da dança e do canto, passou uma noite alegre e completa. Oh! tu nos deixas, Agosto, bem saudosas recordações.... Jámais serás olvidado. Os teus ultimos instantes forão chuvas de flores que ainda vão entapizar os salões aromatizando os dias do teu successor Setembro!

Mas está me parecendo que as minhas amaveis e queridas leitoras hão de querer que a Francisca lhes diga a sua opinião acerca dos dous bailes que se derão na mesma noite de sabbado. Nós somos tão curiosas, e um baile de bom-tom nos interessa tanto, que por força ha desejos de saber-se qual dos dous esteve melhor. Cá para mim, que estive em ambos, ambos estiverão bons. Os militares gostão de pelear, e por isso é já o segundo combate que dão este anno, e de que têm sahido victoriosamente, como é de esperar da sua briosa coragem. O baile de sabbado esteve muito concorrido; havia muito toilette rico

e de bom gosto, e muita moça capaz de fazer um militar incorrer nas penas que lhes impõe a lei dos casamentos, por causa da qual houve nesse mesmo baile muitos tiroteios interessantes das nossas bellas contra alguns representantes da Nação, entre os quaes um velho militar, apesar de coberto dos louros dos combates, viu-se em apuro de tirar o cerço que lhe dera algumas espírituosas meninas, travessas como diabinhos, ser o Bedu-Corinto.

O baile da *Symphide*, com a sua pouca concurrencia, esteve contudo bem animado. E se mu-

tas das flores que se vião nos salões do Club virão ás onze horas para o baile dos militares, outras do lá virão para substituir-lhes a falta do delicado bouquet que formavão.

Por hoje fico aqui, que tenho pressa em apromptar-me para o grande e popular baile da Beneficencia Franceza, que deve ser encantador. Adens, queridas leitoras.

Francina Escaria.

2 de setembro de 1854.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO DE PASSEIO.—Chapéu de grade de palha, forrado de seda, enfeitado de renda e fita branca.

Vestido de tafeta cõr de camurça, saia ornada de dous largos folhos guarnecidos de fita de veludo.

Corpo alagado. Collarinho de guipure.

Mantelete *Impératrice*, enfeitado de fita achamalhada e duas ordens de larga renda guipure.

VESTUÁRIO DE BAILE.—Penteado de bandós

fortemente ondeados, corõa de traça, e rosas escarlates com folhagem de ouro por ornamento.

Vestido de flô de blonde liso, com a saia enfeitada de sete folhos d'rilados com uma ordem de fita a disposição escarlate e ouro.

Cabeção de pregas e folho, enfeitado ao mesmo gosto boz folhos do vestido.

Mangas de folho.

Quarnição de rosas *Ballon* escarlates com folhagem de ouro para o peito e hombros.

A ROSA DO SEPULCHRO.

POE D. M. DE O. QUINTANA.

(Continuado do n.º 35.)

Eis a nossa Ethelvina de agora, amigo leitor, isto é, mais bella, mais sentimental, e em uma palavra, o idealismo personificado.

Seu olhar assustado sobre o pequeno grupo dos nossos tres amigos, houvera despertado, como dissemos, a attenção de Telesforo. Mas, mesmo porque ella observasse haver despertado essa attenção, voltou-o logo para a scena: e pôrém, tão infelizmente, que deu com o braço no seu leque que se achava na balastrada do camarote, e atirou-o a platã.

— Louco! apostrofou Cyrillo a Telesforo, vendo-o precipitar-se para apanhal-o.

— Mas foi inutil.

Telesforo deu que fazer a uma meia dozta de calos dos seus visinhos, cahiu por cima de dous ou tres, que soltarão alguns gemidos, e foi como um possesso arrebatado o objecto de seus cuidados, nada menos que da mão do Sr. visconde das Pereiras, gritando:

— Largu!

O Sr. visconde das Pereiras foi-lhe do alcance.

— Sigamot-os, disse Cyrillo ao ouvido de Ricardo.

E os dous amigos tambem sahirão, e cauteloso-

samente, para não despertarem a attenção dos curiosos.

Mas, assim que se acharão fóra do recinto, com grande surpresa, virão Telesforo em mangas de camisa, e o visconde rindo-se ás gargalhadas.

— E então? perguntou-lhes Ricardo um pouco sério.

— E então, respondeu Telesforo, o senhor logo ao principio, alcançando-me pela gola da sobrecasaca, quiz pespegar-me uma tremenda *xulpa*. (1) Eu desviei-me, e ia já dar-lhe um *resfresco* (2) com quatro *pés de panainas*, e um *canga-pe*, quando na occasião em que me dispunha a *catçal-o* (3), elle deu-se a conhecer pelo *toque*. A vista disto nada lhe fiz; pois ahi o senhor, tambem *salta com o diabo a meia noite*. (4)

E Telesforo tornou a enfiar a sobrecasaca que despira para mais a commodo *resfresco* o Sr. Visconde.

(1) Bofetada.

(2) Uma sova.

(3) Esta expressão, e as antecedentes pertencem a uma gíria offensiva, empregada na arte capoeira.

(4) Pertence á Sociedade dos homens livres.



505

CONCORDIA BONE

Mag. No. 1000000000



Leandro e Cyrillo, rirão-se ás gargalhadas, enquanto que o barigudo, todo insultado, arriou a sua barriga de encontro á parede, e principiou a roncar.

Ricardo entrou.

São duas horas da madrugada.

Ouve-se o resonar dos mancebos, e o zumbir de um insecto votado contra o silencio da noite. A vela quasi ao apagar-se bruxolea lugubrememente mettida no castiçal, e o sino da Candelaria, pesadamente marca a hora em que nós achamos. Disereis que a natureza geme ao medonho echo que a viragem procura extinguir, e que, cada badalada, resoa tristemente no coração de envolta com o seu palpitante!

Ricardo está agora assentado junto de uma mesa, com um braço em cima della, e nelle descansando a cabeça.

Volve os olhos aos seus companheiros... todos dormem!

E' pois o unico acordado, nesta hora solenne.

— Ninguem me escuta! murmurou elle em voz baixa. E tu tambem dormes, Cyrillo, tão feliz e tão tranquillamente! Ah! que sempre o teu fado te seja propicio, e que nunca sintas os males que mar yrisão o coração do teu amigo!... Ethelvina, continuou elle, se tambem feliz, e esquece-te, já que assim é preciso, que de saudades morro! Nunca saibas que nesta hora fatal, lagrimas humederão os meus olhos, ao lembrar-me que te vi tão feliz ao lado de outrem! D'aqui a pouco, quando o dia raiar, debalde procurar-te-hei neste Rio de Janeiro, que adomecido agora, nem se lembra, que somente és tu a vida do seu viver.

— Oh! que é bem verdade! Mas o que queres? Este Rio de Janeiro é assim, meu amigo!

— Telesforo!

— Caluda! não me acordes o pansudo.... Com que, dizias que este Rio de Janeiro...

— Pois ouvistes?

— Boa duvida!

— E tambem seu nome? perguntou Ricardo sobresaltado.

— Seu nome? Ah! sim.... Emilia, ou Ernestina.

Ricardo respirou.

— Sim, foi um dos dous, disse elle.

Telesforo ficou pensativo.

— Tu amas, Ricardo? perguntou a final cobrindo-se de triste pallidez, quanto me penalizas! Por ventura acreditarás tu, que essa quem quer que seja, a quem sacrificas as tuas noites (ará outro tanto por teu respeito? Acredita-me, Ricardo, no seculo em que vivemos tu lo está corrompido, e as mulheres já não sabem amar! (*)

Se hoje a tua amante se mostrar terna e cari-

nhosa para contigo, amanhã nem se lembrará do que existes, se um outro se lhe apresentar mais bello do que tu, mais rico e mais cheio de seduccoes. Se quizeres, Ricardo, que a tua amante te seja sempre constante, adquiere ouro, somente ouro, e apresenta-te cutão!

— Telesforo!

— Sim, é isso! disse Telesforo animando-se. A mulher ama o fausto, o luxo, a grandeza. Tu, se não possuires seuão um coração amante e magnanimo; tu, se não souberes a arte de illudir, e se não possuires ouro aos milhões; serás sempre sacrificado ao primeiro que se apresentar, e que todos esses predicados tiver! Que importa um amante extremoso, seus sacrificios, seu amor, e a propria doação da sua vida, se tudo isso não vier documentado com uma somma de ouro, unico amante querido, e que abra as portas á todos os prazeres?... Não te afflijas, Ricardo, digo-te isto porque sou teu amigo, e porque me penalisas ver-te tão amante, e tão infeliz! (*)

— Sim, isso é assim! disse Cyrillo erguendo-se e vindo reunir-se aos seus amigos, sem saber mesmo ao que dava o seu assentimento. Não se pode dormir... Tres camas para cinco!

— Bravo! disse Telesforo em voz baixa, e recobrando a sua habitual alegria: eis a trempe formada!

— Então dizias, Telesforo, que Ricardo....

— Eu dizia que Ricardo está louco, apaixonado.

— Eis ahí o que não acho muito razoavel, disse Cyrillo olhando para Ricardo: E erguendo a voz continuou: — Eu no teu lugar, meu bom Ricardo...

— Oh! Cyrillo! que máo costume! observou Telesforo. Olha o pansudo, meu amigo... falla mais baixo!

— Ah! é verdade. Mas então, Ricardo, essa a quem amas...

— Cyrillo! Cyrillo! que pessimo dormir! exclamou Leandro o companheiro de cama de Cyrillo. Ai! dêste-me agora um pohta-pe!

— O' Leandro! Souha de outra maneira, meu amigo; pois eu não estou ahí contigo, respondeu Cyrillo.

— Pois então, quem é que está aqui?...

— Quem é? disse Telesforo rindo-se ás gargalhadas. E' o pansudo, meus amigos! Lá vejo a sua enorme barriga!

Com effeito. O estudante barrigudo, apenas conheceu a ausencia de Telesforo, cheio de um paucio terror por se achar só, ergueu-se sorrroamente, e foi deitar-se no lugar que Cyrillo acabava de deixar ao lado de Leandro, e ahí principiou a roncar tranquillamente.

(Continúa.)

(*) Perdão, formosas leitoras, ou vós, que fordes os prototypos da constancia.

(*) Não admittimos a absoluta opinão que forma da mulher este personagem do romance.

POESIA.

MEU SONHO MORTO!

Tout est fini; la cendre est rendue à la terre.

Personne n'a suivi sa dépouille mortelle.
Aucun pas n'est marqué sur le bord du chemin.

ALFREDO DE MÜSSET.

Eu vi-te : dormeci-la como um anjo
Seismando em nuvens auréas seu destino;
Erão tuas faces pallida açucena,
E de teus olhos o languor divino.

Teu collo alabastrino re-folgava
Sob o véo de tuas tranças ce-las;
Entreabertos teus lábios m-sorríão,
Frescas rosinhas pelo sol lanadas.

Por entre a transparencia de tuas palpebras
Luzia-te uma lagrima opprimida:
Quem sabe se em teu leito desmaiaste
Ao peso de uma dor desfallecida?

Conta-me, anjo do céu, por Deus te peço
Que repartas commigo os teus segredos:
— Talvez fosse um capricho não cumprido
No delirio infantil de teus folguedos.

O que podes sonhar aos quinze annos?
Que pensamentos se geram n'alma?

Oh! no tua idade tem o céo fulgores,
O mar é bello e a superficie calma.

Tu não pensas ainda o que é a vida
Viver sózinho sem amor na terra;
Se o pensáras, meu Deus! já comprendéras
O amor fervente que meu peito encerra.

Mas ella, coitadinha, adormecida
Como um anjo isolado em seu retiro,
Em seu leito de m-ros revolveu-se,
E ondearão seus seios n'um suspiro.

Sentida eudeixa de um amor d'archanjo
Que cada nota reflectia um ai!
Oh! pudesse eu tambem as minhas migoas
Juntal-as todas no sentir de um ai!

.
.
.
.

Algum tempo passou-se — acesas tochas
Conduzião um corpo a enterra ento:
Era o meu sonho — acompanhado o triste
Da orchestra festiva de um casamento!

B...

UM PENSAMENTO

(PEDIDO PELA EXMA. SRA. DONA R. E. L. G. PARA O SEU MIMOSO ALBUM).

Da vida já provo os pezares,
Da vida os prazeres não sinto!
(BALLATA DE S. SELVA RIOS.)

Lia 'a virgem — um pensamento
Queres de mim? Ah! formosa,
Para que um triste goiyo
Onde existe a bella — rosa?

Não floresce neste prado
Branco lirio tão formoso?
De afagal-o, brando zephyro
Não se julga tão ditoso?

Para que — sem piedade
Triste flor eu ir murchar?

Meu pensamento, oh! bella,
Geme de dor' ao passar!

Quando canto geme a brisa,
Que te parece encantar,
Na lyra desfrão sons;
E' minh' alma a suspirar!

Para que — sem piedade
Triste flor eu ir murchar?
Deixa, oh! bella, este teu Album
A quem a vida prezar!!

Innocencio Rego.

S. Christovão 29 de Agosto de 1854.

APRESENTAÇÃO

FEITO NO ENCANAMENTO DA CARIÓCA, ÀS CINCO HORAS DA TARDE.

Quem vive triste no mundo
Procura o doce retiro,
E por isso este logar
Eu a todos o prefiro;
Para saudosa passar
E triste a vida gozar!

Agui me esqueço
Dores da vida,

E torna-se ella
Appetecida.

No coração
Não existe dor;
Há só p'ra Deus
Louvor — amor!!

E. Adelaide da S. Pinto.

MULHERES CELEBRES.

G

(Continuado do n. 35.)

GERBERGE, filha de S. Guilherme, conde de Tolosa. Victima da crueldade de Lothario, usurpador do throno imperial, foi arrastada do convento em que jazia encerrada, e, fechada em um tonel, lançaram-a ao rio Saone, onde pereceu. Muitos autores discordão no motivo que obrigou Lothario a commetter esse attentado. — Uns, e na maior parte, dizem ser obra da vingança, pois que sobre a innocente mulher desejou o usurpador desforrar-se de Gancelme e do duque de Bernard, irmãos de Gerberge, que se tinham opposto ás suas idéas ambiciosas. — Outros, firmados em uma citação de Danill, a qual diz que antes de abraçar o estado monastico tinha sido ella casada com o conde de Wala, amigo e confidente de Lothario, e que tambem se retirára para a abbadia de Corbia, opinião que foi um umor desprezado a causa unica que tornou Lothario tão perverso.

GERTRUDES BOON, acrobata do seculo XVIII. Chamárao-a a linda voltejadora, diz Bonnet na *Historia da dança*; porque voltejava sobre a corda durante um quarto de hora, e com tal rapidez que assombrava.

GERTRUDES DE JESUS MARIA, polyglotta; nasceu em Coimbra em 1707, morreu em 1728.

Escreveu sobre a linguistica *alguns manuscritos*, e se a morte não a roubasse tão cedo a admiração dos seus contemporaneos, muito maior gloria deixaria á sua patria.

GILBERTA DE MAGUNCIA. — Amando apaixonadamente um moço, e sendo de igual modo correspondida, obrigáram-a a contrariiedade dos pais e a sua paixão a fugir disfarçada com trajes varonis para a Inglaterra, logar em que seu amante se achava a fim de cursar os estudos. Ahi acompanhou-o ella sempre ás aulas, e teve mais tarde de ver a morte arrancar-o de seus braços. Um verdadeiro amor deu logar a enorme transformação; *Gilberta*, a *linda risonda*, como a chamavão no pajiz natal, tornou-se sisuda e austera: longe dos seus, e abandonada por todos, com o coração partido, e tendo visto desaparecer a sua última illusão, lançou-se como louca á carreira dos estudos, e começou a adorar com um amor intenso os seus queridos livros. Depois de haver adquirido os mais vastos conhecimentos, que tinham sido conquistados á força de perseverança e dos mais terriveis sacrificios, a ponto de explicar as materias dos annos transactos para poder sustentar-se, obteve a corda que lhe competia: foi nomeada lente de *grammatica*, *dialectica* e *rhetorica*. Só depois de morta descobriu-se o seu sexo!

GIONETTA; poetisa e polyglotta. Escreveu diversas obras, (Continúa.)

UM CASAMENTO A' DAGUERREOTYP.

Era n'uma destas tardes em que o Céu nublouso, e a atmosphera carregada, mergulha o pobre coração humano n'um mar de tristeza e melancolia. Um joven, de nosso conhecimento, que ha bastante tempo vivia triste, como o epitaphio de uma sepultura, nessa tarde mais do que nunca

achava-se por demais melancolico; e em busca de uma distracção sahiu de casa sem destino, vagando por essas nossas tão pouco acceadas ruas, e tão indifferente a tudo, que por mais de uma vez foi cumprimentado por um conhecido e amigo, sem que disso dêsse fé.

U' nosso jovem, a quem chamaremos Julio, tinha apenas seus 24 para 25 annos, era de elegante figura, bonito de rosto, possuia suas trinta e duas apolices, tinha parte n'uma boa casa de commercio, mas era solteiro, e nem nenhum parente aqui, pois que não é filho deste abençoado solo de Santa Cruz. Ora já vêem as minhas leitoras que um moço assim, tão bem afeiçoado em todos os sentidos, com uma insiguação romantica, e com um fôdo todo melancolico, não pôda gozar bem a vida sem ligar-se aos doces laços do doce hymeneu. Mas porque não se casava então? me perguntará alguma espirituosa mentina que tenha o coração ao pé da boca. A resposta porém é facil: — Ainda não era chegada sua hora. *O casamento e a moradia no Céu se lida, diz um velho adagio. De um acaso muitas vezes depende tudo.*

O nosso joven melancolico andava pois no seu passeio distraido, quando ao passar pela rua de S. Pedro, na porta de um corredor, deparou com uns pontos de retratos de daguerreotypo. Parou e pôz-se a examinar esses pequenos quadros que na porta da rua collocados se estendão pelo corredor; e tão attento os via, e com tal minuciosidade, que o dono da casa o convidou a ir ver a sua grande galeria que se achava n'uma sala do interior, collocada com todo o aceso e luxo.

Julio aceitou o convite, e ao entrar nessa pequena sala com todo o gosto arranjada, olhando para o espelho que se achava em frente, divison o rosto de uma bella, com um sorriso tão feitiço, que ficou verdadeiramente magnetisado. Voltou-se immediatamente, persuadido que tinha faltado aos deveres da civildade com alguma moça que ali se achava, mas deparou com o mesmo rosto do anjo do espelho, que habilmente retratada, apresentava-se tão ao vivo n'um elegante quadro.

Envergonhado da sua emoção, quiz examinar os outros quadros, mas nada elle via; os seus olhos estavam pregados no espelho que representava o tal retrato. A sua imaginação se combatia com o fogo que se ateava no coração; e esse rosto era tão angelico, havia tanta perfeição nesse retrato, que Julio quiz saber quem era o original. O retratista riu-se, e disse-lhe que era a copia fiel de uma jovem paulista, filha de um negociante de um dos arrebaldes de S. Paulo.

— Solteira? indagou Julio.
— Sim, respondeu-lhe o homem.
— E parece-se o retrato?
— Muito, permiti-me este orgulho de artista.

— Oh! é necessario ser-se muito perito na arte, para tão ao vivo apresentar um anjo destes, uma copia, que parece um ente natural, com tantas perfeições nas mais pequenas cousas; oh! por piedade, indicai-me a sua moradia, o lugar certo, em que ella existe; eu quero vel-a, eu quero ama-la.

— Oh! senhor! pareceis-me um louco!
— Não! não sou louco! O meu coração ha muito que procurava um objecto que lhe deve dar descanso; porque de lá muito que penso, que souho com um anjo, que imagino o gozo de uma vida celestial; e esse anjo é o original deste retrato; quero ir a S. Paulo, quero vel-a, quero ama-la, quero que ella seja a minha esposa.

O artista riu-se, e como que para distrahir-o convidou-o a deixar-se estar ali, ao que elle andando, em 20 segundos viu-se perfeitamente daguerreotypado, e com tal perfeição, que correu para mais exarcebar-o na sua loucura amorosa.

— E's um artista perfeito; o meu retrato é o mais fiel; e agora convenci-me de que esse anjo é o typo da perfeição.

Poucos dias depois no vapor *Josephina* partia para Santos o nosso romantico Julio, e não ha muito que elle se apresentou de novo nesta corte casado com o original do retrato que amara; casamento que é devido ao sen retrato de daguerreotypo.

As nossas leitoras, hão de por força quererem saber quem é esse artista tão feliz! Nada mais facil. E' o Sr. Justiniano José de Barros, retratista de daguerreotypo, que vende instrumentos, chapas, quadros, caixinhas, alfinetes de peito, etc., tudo do melhor gosto possivel, ensinando a mesma arte, na rua de S. Pedro n. 278.

— E quem é o Sr. Julio?
— E' um feliz moço, rico, bonito, e que achou no original do retrato, uma moça linda, rica, bem prendada, enfim uma excellente esposa.
E digão lá que isto não foi um CASAMENTO A DAGUERREOTYPICO.

I. R.

BOLETIM THEATRAL.

A quadra é animada. Os cartazes annunciadores dos espectaculos succedem-se tão a miúdo nas esquinas de nossas ruas como as estrellas se succedem pelos cantos do Céu. A comparação é frivola e impropria, mas a época não é a mais propria para a critica theatral. Os applausos de encomenda, as estonteadas e parvas palmas abafão qualquer manifestação de desgado, por mais leve que seja.

O beneficio do Sr. Ferranti esteve conio era

de prezumir-se, concorrido, apesar da tenebrosa noite que por mais de um foi solememente amaldiçoada. Representou-se o *Barbeiro de Serilha*. Não é preciso descrever-vos as scenas nem contar-vos o enredo da peça: de tão repetida, vai cahindo já na monotona expressão das cousas que se barateião facilmente. Os camarotes estiverão cheios, a scena esteve animada. Este nosso publico é tão condescendente!... Soffre de tão bom grado tudo quanto querem que elle soffra!..

Mas isto não é fallar mal da opera, ao contrario todos os artistas esmerarão-se em obsequiar o seu companheiro. A Rosina esteve como sempre hade estar, não precisa mais de commentarios esta noticia. O Sr. Ferranti, para servir-me de uma expressão alheia, já deu com a queda do nosso publico; entretanto, conselho de amigo: é bom não exagerar muito certas faccias por que o grotesco tem suas regras como o ridiculo tem suas parvoíces, Talentooso artista como é reconhecido, deve com preferéncia lançar mão dos recursos de sua habilidade, do que acompanhar as inclinações de uma parte do auditorio, que sem duvida não é a mais illustrada. Na noite de seu beneficio cada um fez o que quiz, desfiguraram facelmente algumas scenas da peça de modo que prejudicaram suas posteriores representações. Entretanto, apezar de todos os pezares, o Theatro Lyrico é o nosso paraíso, é actualmente onde se pôde melhor passar as enfadonhas horas destas nossas noites tão compridas e tão sem sabor.

Não sei se deva fallar do concerto Malayazi, apezar de ser n'um salão do theatro, parece que não pôde fazer parte de nossa apreciação, á vista do titulo deste artigo. Mas não posso deixar de dizer que esteve brilhante até o esplendido.

O theatro Francez ha muito que não dá signal

de vida; quero fallar de Mll. Favrichon. Talvez seja isso devido aos embaraços com que essa empreza luta.

O theatro nacional, que de nacional só parece-me que tem o tijolo e a madeira, vai dando suas representações. E' chegada a época dos beneficios e elles têm estado bem servidos. A *lynex de Castro* foi notada pela estréa do papel de D. Pedro no novo actor o Sr. Amoedo. Tem bastante habilidade, mas precisa ser educado convenientemente para a scena, e que seu proprio talento lhe sirva de guia a ver se salva do naufragio das palmas que costuma afogar e submergir bem boas capacidades. *Geneveva de Brabant* é um lindo drama, seus papeis são quasi todos de força, foi levado á scena em beneficio e teve uma concorréncia que não esperava-mos. O Sr. Kiste e seu filho continuão a arrancar bravos e palmas merecidas ao seu talento e destreza.

Emfim; os theatros formão aqui na nossa terra, a parte mais integrante de nossa vida insípida. Oxalá fossem elles administrados convenientemente, de modo que podessem conciliar o util e o agradável, de modo a nos facilitarem noites bellas passadas no sonho de uma musica suave, ou na embriaguez de um lance aberto e tragico que nos fizesse tremer!

MODO DE CONHECER PELO PULSO A QUE DISTINGUE ESTA A TROVOADA.

É sabido que o som percorre mil pés por segundo; um segundo é tambem o intervalo de uma pulsação a outra quando o pulso está regular; logo, se entre o relampago e o som do trovão o pulso bate cinco vezes, é signal de que a trovoadá está a cinco mil pés—se bate seis vezes, está a seis mil pés, etc., etc.

Anecdota.

Certo official de secretaria costumava tocar rabeça em uma sociedade onde dançavão algumas meninas. Em um dia de gala juntou-se a dita com varios individuos, unidos quaes, para o ridicularisar, lhe disse: — Então o senhor, hoje, não toca a rabequiúha? — Ao que elle im-

mediatamente respondeu, fazendo-lhe ver o florete que trazia ao lado: — Não senhor, hoje toco só este instrumento.



CHARADA

Offerecida ao Illm. Sr. D. M. de O. Q.

- Quizerão que eu fosse um X, 1
- Que ao soldado pertencesse, 1
- Que ficasse solitario, 1
- Que de Osmindo e recebesse!

(Pela Ex.^{ma} Sra. Dona Augusta M. de O.)

As charadas do n. 35 são: 1.^a, *Cavallo*; 2.^a, *Armario*.

Acompanha este n.º 56 uma estampa com figurinos de baile e de passeio.

de ouro. Mangas de folho. Penteado de bandós fortemente ondeados, rosas escarlates e folhagem de ouro por enfeite.

M.^{me} T. de L... Vestido de *moire-antique* cõr de rosa, sobre saia de filó da mesma cõr salpicado de estrellinhas de prata, em regaço, apanhado em distancias iguaes com ramos de flores e laços de fita: corpo de bico-redondo: beatha de prega adianta e avaz, coberta de filó mateado. Rama de peito de rosas brancas e trepadeiras. Penteado de bandós fortemente ondeados, ornado de uma grinalda em grandes tufos de rosas e trepadeiras brancas.

M.^{me} J. S... Vestido de blonde com duas saias, a de cima chegando até o joelho e aberta em bicos sobre setim cõr de rosa enfeitados com laços e cordões de perolas; a de baixo com duas ordens de tufos de setim cõr de rosa presos com iguaes enfeites: o corpo decotado e liso: as mangas curtas enfeitadas de cordões e perolas. Penteado de canudos e tranças, misturados de cordões de perolas.

M.^{me} F... Vestido de setim verde-mar com um grande folho de renda, tendo por cima uma tunica de filó-illusão, com o corpo frauzido e a tunica toda bordada em flores de prata. Penteados à *Eugénie* com papoilas e ramos de flores.

M.^{me} D... Vestido de gaze cõr de palha com tres folhos largos cortados em arcos guarnecidos de tiras feitas em tufos: o corpo liso e decotado: as mangas miú curtas, enfeitadas com flores. Penteado de canudos de cabelos com uma grinalda de bouinas.

E assim, lindos e brilhantes, crão todos os *toilettes* dessa immensa funcção: a riqueza de uns, a graciosidade de outros, e a elegancia de todos, encantavão por demais.

Mas a belleza deste baile estava em tudo. O gosto, a arte e a profusão, reinavão em toda a parte: tudo era delicado e apropriado: tudo emfim fazia crer que os angelicos solões do Paraíso pela suprema vontade do Deus baixarão á terra para um baile de Beneficencia!

Por entre as ondas luzentes das cabeças adereçadas de seiscontas e cincoenta e seis senhoras e immensos cavalheiros distinguão-se sollicitos

e urbanos para com todos, os membros da Representação franceza nesta cõrte e a Commissão encarregada do baile.

Esta sociedade entregue á benefica direcção do mui digno e virtuoso Sr. Taunay, consul francez na cõrte do Brasil, faz diariamente um beneficio e enxuga diariamente uma lagrima de afflicção. Praza a Deus que suas louvaveis intenções sejam coroadas do mais feliz resultado, e que, como esta benévola Sociedade, prosperem todas as outras que caminharem ao mesmo fim noble e glorioso — a CARIDADE.

O baile acabou ás cinco horas da madrugada com o mesmo movimento alegre e fraternal com que principiára.

Foi, pois, com os bailes de beneficencia franceza, e o do estabelecimento pio de S. Joaquim que o mez de setembro abriu seus porticos ao mundo elegante. Estreou bem. Que de seus trinta dias nem um só se perca; que todos sejam empregados, se possível for, em beneficio da humanidade desvalida, e que brincando e dançando vamos concorrendo para as mais bellas e louvaveis instituições, dignas do progresso do seculo em que vivemos.

Tive occasião de ouvir Mll.^o Favrichon no concerto dado em beneficio do estabelecimento pio de S. Joaquim: é seductora esta interessante artista no seu gracioso canto dos romances francezes. Mais expressão, mais doçura, mais galantaria, não se pode empregar para gerar sympathias nos corações embebidos n'aquellas suaves melodias que ella faz desprender de um sorriso encantador que lhe brinca nos labios a todo instante. Colheu repetidos applausos e fez as delicias do concerto.

De modas nada vos posso dizer de novo em quanto não receber os jornaes e figurinos que nos trouxe o paquete de Southampton. Por agora somente tenho a notar alguma mudança na fórma dos chapéus; tudo mais depende da transição que a moda tem de fazer.

E adeus, querida leitora, até domiingo, que vos contarei muita cousa.

Christina.

Gattete, 8 de setembro.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéu de palha enfeitado de fita e raminhos de violetas.

Vestido de nobreza cõr de violeta: saia lisa com basquine afogada, ornada de franja, botões e fita de encrespar, formando um peitinho á maneira de alampres.

Mangas *Medicis*, fofos em cima e com pagode guarnecido de franja igual á da basquine.

Collarinho e sub-mangas de *guipure* ingleza.

Chale de cachemira escarlato com bordadura de seda tecida cõr de ouro.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéu de escomi-

lha enfeitado de blonde e flores. Bandós de cabellos ondeados.

Vestido de nobreza verde claro.

Saia ornada de tres largos folhos, orlados pela beira com uma fita de encrespar da mesma cõr do vestido.

Basquine redonda, de trespasse, afogada, e toda guarnecida de renda ponto de Inglaterra o fita de encrespar.

Mangas compridas, largas, e enfeitadas de laços soltos de fita verde.

Sub-mangas e collarinho, de renda ponto de luglaterra.